

## Relativas

Ilza Ribeiro  
Cristina Figueiredo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RIBEIRO, I., and FIGUEIREDO, C. Relativas. In LOBO, T., and OLIVEIRA, K., orgs. *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. ISBN 978-85-2320-888-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## RELATIVAS

Ilza RIBEIRO  
(UFBA - PROHPOR - CNPq<sup>1</sup>)  
Cristina FIGUEIREDO  
(UNIME - PPGL/UFBA)

### INTRODUÇÃO

Diversos estudos têm discutido as características das estratégias de relativização no português brasileiro (PB), alguns dentro de uma abordagem diacrônica (cf. TARALLO, 1983 1993; COHEN, 1986; JESUS, 2002), outros, de uma abordagem sincrônica (cf. LEMLE, 1978; KATO, 1993; KATO *et alii*, 1996; KATO & NUNES, 2007; RIBEIRO no prelo, dentre outros). Em geral, quatro propriedades fundamentais das estratégias de relativização não-padrão do PB estão no centro das discussões<sup>2</sup>:

- (a) a ausência de preposição antecedendo o tradicional pronome relativo (PR), em relativas de funções argumentais preposicionadas e de adjunto, denominadas relativas *cortadoras*;
- (b) a possibilidade de realização de pronome lembrete nas posições relativizadas, nas chamadas relativas *lembretes*;
- (c) devido à ocorrência da relativa cortadora, a obsolescência da estratégia *pied-piping*, que realiza a preposição selecionada pelos predicados para seus argumentos, ou segundo o valor semântico do constituinte com valor adverbial;
- (d) a estratégia da *lacuna*, para as funções não preposicionadas, variando com a de pronome *lembrete*. Também tem sido discutido o estatuto gramatical do constituinte relativizador *que*, entre ser um complementador ou um PR.

Os exemplos a seguir ilustram as citadas estratégias:

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa conta com o apoio do CNPq, processo nº 309037/2003-4.

<sup>2</sup> Sobre as classificações e definições das relativas, cf. seção 1.

1. a. [ A sala<sub>i</sub> [*que* a janela ---<sub>i</sub> está quebrada<sub>SRel</sub>]] fica no corredor à esquerda. (cortadora)<sup>3</sup>
- b. [ A sala<sub>i</sub> [*que* a janela *dela*<sub>i</sub> está quebrada<sub>SRel</sub>]] fica no corredor à esquerda. (lembrete)
- c. [ A sala<sub>i</sub> [*cuja*<sub>i</sub> janela --- está quebrada<sub>SRel</sub>]] fica no corredor à esquerda. (lacuna)
- d. [A moça<sub>i</sub> [*com quem*<sub>i</sub> eu conversei ---<sub>i</sub> ontem sobre a pesquisa<sub>SRel</sub>]] não veio. (*pied piping*)
- e. [A moça<sub>i</sub> [*que* eu conversei ---<sub>i</sub> ontem sobre a pesquisa<sub>SRel</sub>]] não veio. (cortadora)
- f. A moça<sub>i</sub> [*que* eu conversei com *ela*<sub>i</sub> ontem sobre a pesquisa<sub>SRel</sub>]] não veio. (lembrete)

A designação da estratégia em uso no exemplo (1c) como *estratégia de lacuna* não é muito feliz, pois, em (1 a/d/e), também há uma lacuna na SRel. Contudo, a escolha de SRel de genitivo e oblíquo para ilustrar a classificação permite identificar facilmente as três estratégias, sobretudo no que diz respeito às que deixam sempre uma lacuna dentro da SRel, diferindo pelo fato de que (1a/e) ilustram o uso de um complementador, enquanto (1c/d), o de um PR. As estratégias em (1b/f) também podem ser vistas como casos de uso de um complementador em lugar de um PR (cf. TARALLO, 1983, para exemplos semelhantes).

Os estudos diacrônicos apontam para mudanças no PB na virada do século XVIII para XIX, momento em que a estratégia cortadora se mostra quantitativamente mais produtiva. A Tabela 1, a seguir, reproduz parcialmente a Tabela 5 do estudo diacrônico de Tarallo (1993:88):

**Tabela 1: Estratégias de relativização por século (adaptada de TARALLO 1993)**

	1725	1775	1825	1880
<i>Pied piping</i>	99 89.2%	89 88.1%	73 91.3%	63 35.4%
Pronome lembrete	11 9.9%	8 7.9%	1 1.3%	9 5.1%
Cortadora	1 0.9%	4 4.0%	6 7.5%	106 59.5%

Os dados quantitativos delineiam o declínio da relativa *pied piping* no PB (de 89.2% para 35.4%), mas uma certa estabilidade no uso da relativa lembrete como uma estratégia marginal, com leve decréscimo de 1725 a 1880 (de 9.9% para 5.1%). A relativa cortadora passa de um uso inexpressivo no século XVIII (menos de 1%) para

<sup>3</sup> Consideramos que este é um exemplo de relativa de uma função preposicionada, a de genitivo.

um uso quantitativamente relevante, no final do século XIX (59% de relativas sem a preposição).

Comparações sincrônicas entre o PB culto e o português europeu culto (PE), bem como entre diversos dialetos regionais do PB, entre fala e escrita, entre falantes escolarizados e não escolarizados, e outros fatores condicionadores de variação social, têm formado a base empírica para apontar as diferenças e semelhanças entre os vários dialetos do português quanto ao uso das estratégias de relativização citadas acima (LEMLE, 1978; KATO, 1981, 1993; KATO *et alii*, 1996; CORRÊA, 1998, 1999).

Os estudos sobre a estrutura das relativas no PB contemporâneo também mostram ser a estratégia com pronome lembrete a menos atestada nos dados. Por exemplo, os resultados de Bagno (2001), na Tabela 2, a seguir, indicam que a estratégia de pronome lembrete continua sendo uma opção marginal, com apenas 6% de realizações<sup>4</sup>:

**Tabela 2: Estratégias de relativização no PB contemporâneo (adaptada de BAGNO, 2001)**

<b>Tipo de Relativas</b>	<b>Porcentagem</b>
Relativa lembrete	6%
Relativa cortadora	94%

Comparando os resultados das Tabelas 1 e 2, observamos a ampliação quantitativa do uso da relativa cortadora (94%), indicando, em direção inversa, a perda acentuada da estratégia *pied piping*.

O objetivo deste capítulo é o de apresentar uma análise da sintaxe das sentenças relativas em um conjunto de 53 atas escritas por seis africanos, entre 1832-1842, perfazendo um total de 104 dados coletados. Várias razões justificam uma pesquisa com base em dados escritos produzidos por africanos no Brasil oitocentista, uma vez que são muitas as perguntas que têm sido formuladas sobre as características sintáticas do PB, sobre as diferenças e semelhanças entre o PB e o PE contemporâneos, sobre as influências, no PB, das gramáticas das falas indígenas e africanas. Sabemos que a pequena extensão do *corpus* não permite reflexões sobre todas essas questões. Assim, nos limitamos neste texto a apresentar uma descrição

---

<sup>4</sup> Cf. também o estudo de Burgos (2003) e Ribeiro (no prelo), que atestam só poucas ocorrências de relativas lembretes em dados de fala de comunidades rurais de afro-descendentes.

das características das sentenças relativas no *corpus*, procurando responder tão somente a questões tais como:

- (i) Quais tipos de relativas são atestados no *corpus*? Há diferenças entre seus usos e os atestados no PB e no PE contemporâneos que apontem para o fato de os africanos terem aprendido o português como L2? (seção 1)
- (ii) Quais tipos de estratégias de relativização são realizados pelos informantes africanos? Qual é o comportamento das relativas cortadoras e lembretes nesse *corpus*? Esses dois tipos de relativas já apresentam evidências para a mudança lingüística do PB contemporâneo, em relação à preferência pelo uso de relativas cortadoras? (seção 2.1)
- (ii) O que os dados do *corpus* revelam em relação às restrições universais para a formação de sentenças relativas, segundo estudo de Keenan & Comrie<sup>5</sup> (1977, 1979)? (seções 2.1 e 2.2)

## 1. TIPOLOGIA DAS SENTENÇAS RELATIVAS

Identifica-se como relativa uma sentença subordinada que modifica um nome ou um sintagma nominal na sentença matriz a que está associada. Por exemplo, o DP<sub>1</sub> sujeito da sentença em (2)

2. [ [O livro]<sub>DP1</sub> [ que João leu \_\_\_ ]<sub>SRel</sub> ]<sub>DP2</sub> discute a tipologia de sentenças relativas.

consiste de um determinante (*o*), de um núcleo nominal (*livro*) e de uma sentença que modifica o núcleo nominal (*que João leu \_\_\_*), introduzida por um relativizador (*que*). Observa-se que, na SRel, o objeto do verbo *ler* não está realizado, estando sua posição marcada por *\_\_\_*, significando uma lacuna. O núcleo nominal *livro* é entendido como objeto de *comprar*; todo o DP que contém o núcleo nominal *livro* é sujeito do predicado *discutir*. Assim, o núcleo nominal parece estar associado a duas funções gramaticais. O fato de a SRel ter um antecedente realizado identifica-a como *relativa*

---

<sup>5</sup> Doravante, K&C.

com cabeça; o de ter uma lacuna na posição relativizada, como *relativa padrão*, ou *relativa com lacuna* (cf. também seção 2).

Esta seção parte da classificação e da definição ampla dos tipos de sentenças relativas (restritivas, não-restritivas e relativas livres) e apresenta uma descrição das suas ocorrências no *corpus* das atas. Também apresenta construções-QU aparentadas, como as de focalização (seção 1.3).

### 1.1. SENTENÇAS RELATIVAS RESTRITIVAS E NÃO-RESTRITIVAS

As relativas com cabeça se caracterizam como relativas restritivas e relativas não-restritivas (ou explicativas, ou apositivas). O contraste entre elas pode ser ilustrado com os exemplos em (3):

3. a. A professora está procurando [ *o menino* <sub>[S<sub>Rel</sub> que fugiu da sala de aula ontem]</sub> ]
- b. A professora está procurando [*Pedrinho*, <sub>[S<sub>Rel</sub> que fugiu da sala de aula ontem]</sub> ]

Na relativa restritiva em (3a), a S<sub>Rel</sub> restringe a classe de menino que a professora está procurando, referindo-se somente àquele *que fugiu da sala de aula ontem*. Assim, a referência específica do DP *o menino* é determinada pelo modificador clausal. Em (3b), a relativa não-restritiva serve como um comentário à parte, separado do núcleo nominal *Pedrinho*, com entonação adequada, marcada na escrita por vírgula. O referente do núcleo nominal já é conhecido ou pode ser identificado, independentemente da S<sub>Rel</sub>. Desse modo, a relativa não-restritiva simplesmente apresenta informação adicional sobre o núcleo nominal.

Esses dois tipos são realizados nas atas, com uma distribuição favorecendo, em termos numéricos, o uso da relativa restritiva, como pode ser observado a partir da Tabela 3 abaixo:

**Tabela 3: Tipos de sentença relativa<sup>6</sup>**

FUNÇÃO - QU	TIPOS DE SENTENÇA RELATIVA	
	RESTRITIVA	NÃO-RESTRITIVA
SUJEITO	18	13
OBJETO DIRETO	08	01-
OBLÍQUO	--	--
LOCALIZAÇÃO FÍSICA	--	03
LOCALIZAÇÃO NOCIONAL	04	--
COMPLEMENTO NOMINAL	02	01
GENITIVO	03	--
TOTAL	35	18

Exemplos de relativa restritiva e de relativa não-restritiva são apresentados em (4) e em (5), respectivamente:

4. a. as émdas dos novos Estatu tos *que nos hade Reger* pos ta pella Comi cão (MSR em 15 de janeiro de 1835. É esse autor quem escreve o nome de MVS).
- b. e dos Irmão *que pederem* asua dimisaõ por Cauza do Compemen-to do Artigo aSima de Clarado (MC em 2 de maio de 1841).
5. a. para adecizaõ do nossó Irmão Manoel da Paixaõ *que por huma Carta semandou Sedespedir* (JFO em 27 de novembro de 1842).
- b. Como os primeiro fundadores *que Instalaraõ esta Devocaõ* (MSR em 23 de fevereiro de 1834).

A Tabela 3 também mostra que diferentes funções sintáticas podem ser relativizadas. Discutimos esse tópico na seção 2.2.

Observamos, ainda, que, quando ocorrem duas relativas encadeadas, a ordem de realização é a observada no PB e nas línguas em geral:

6. a. se ade a-pr ezentar as émdas dos novos Estatu tos [*que nos hade Reger*] [*pos ta pella Comi cão*] (MSR em 15 de janeiro de 1835).
- b. tratemos a Rever o *debito* [*que Se devia a Caza*] [*ó qual mandou oVis Provedor Cartiar-sé aos ditos*] para Virem Remirem naprimeira Reuniaõ (José Fernandes do Ó em 05 de junho de 1836)<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Sobre relativa livre e relativa reduzida, cf. a seguir.

<sup>7</sup> Lemos a sentença com a forma verbal *cartiar-se* como: X mandou informar Y a Z. Outra possibilidade seria: X mandou informar sobre Y a Z, um tipo de alternância de regência, que poderia levar a analisar

No exemplo em (6a), a opção foi a de realizar a segunda relativa, que modifica o nome *emendas*, na forma reduzida; a primeira, modificadora de *estatutos*, pelo uso do relativo *que*; nos dois casos, as relativas são restritivas. No exemplo em (6b), observa-se a relativa restritiva seguida da relativa não-restritiva, ordem esperada.

### 1.1.1. RELATIVAS REDUZIDAS

As relativas podem ser realizadas com formas nominais de gerúndio ou de participípio, as chamadas relativas reduzidas, como em:

7. a. O homem comendo é o palestrante = O homem que está comendo é o palestrante
- b. O homem sentado na poltrona é o palestrante = O homem que está sentado na poltrona é o palestrante

Há 16 ocorrências de relativas reduzidas no *corpus*, com valores restritivos e explicativos. Alguns exemplos estão apresentados abaixo:

8. a. o Progetto- Empreço *Ferindo o milin dre da Sociedade* damesma Devocaõ (MSR em 23 de fevereiro de 1834).
- b. na meza extraordinaria *marcada para a noite do dia 8 de Outubro*: (LTG em 04 de outubro de 1835).
- c. seraõ acom-panhadas com Cincoenta Toxas assezas para o lugar *destinado sepultura*, (LTG em 28 de outubro de 1833)
- d. Fica em meo poder hum Coffre feixado com três chaves *Axando-se huã em maõ do Juiz Manoel Victo*, outra na do Escrivaõ Luiz Teixeira Gomes outra na do Procurador Geral Joze do Nascimento (Embora assinado pelo Vigário Joaquim José de Santana, é LTG quem escreve esseudocumento em 16 de setembro de 1832.)

---

a relativa introduzida pelo PR *o qual* como uma relativa cortadora. No item 2.1.1., argumentamos que não há casos claros de relativa cortadora nas atas.



## 1.2. RELATIVAS LIVRES

As relativas livres se caracterizam pela ausência de um antecedente explícito para a referência do constituinte relativo, sendo, por isso, também denominadas *relativas sem cabeça*. Assim, as relativas livres são necessariamente introduzidas por um pronome relativo (PR), nunca por um complementador nulo, nem por um relativizador do tipo *that* do inglês ou *que* do francês. Exemplos típicos de relativa livre no PB contemporâneo são como em (9) abaixo:

9. a. *Onde* João estava foi na minha casa
- b. *Quem* comprou o livro foi João
- c. *O que* eu comprei foi este livro

As relativas livres totalizam 23% dos dados em estudo:

10. a. em Concideração *do que serepresentou* Contra o- Irmaõ Ex Escrivam Luiz Teixeira Gomes. (MSR em 23 de fevereiro de 1834).
- b. por bem feito *o que amesma Meza determinar* (MSR em 15 de janeiro de 1835).
- c. fica adiado arematação do novo Coffre *aquem preferi por menos fazer* (LTG em 04 de outubro de 1835)
- d. por ser *quem fes areforma / asignou*, (LTG em 21 de abril de 1833)
- e. *para aonde for aprovado*, (16 de setembro de 1832 por LTG)
- f. Para estar *aonde existe o Coffre do Senhor dos Mar- / tirios* sahio com honzepretas, e vinte huma / branca (LTG em 16 de setembro de 1832)

Em resumo, os 104 dados computados se distribuem em:

- (i) 34% são realizações de relativas restritivas finitas;
- (ii) 17.3%, de relativas não-restritivas finitas;
- (iii) 15.3%, de relativas reduzidas;
- (iv) 19%, de relativas livres.

Os 14.4% de dados restantes ocorrem em construções aparentadas, como será discutido na seção a seguir.

### 1.3. OUTRAS CONSTRUÇÕES-QU NAS ATAS

Um dos dados computados se caracteriza como contexto de possível realização de relativa temporal, se apresentando com a forma *que + gerúndio*, no exemplo a seguir:

11. A Comicaõ Premanente Pros testa des o dia da Reuniaõ 2 de Majo de 1841 Sobre o Altigo 38 e 39 *que Aparicendo deste dia por diente areprezentacão daComm- icaõ* (MC em 2 de maio de 1841)<sup>8</sup>

e equivalendo a *quando apareceu a representação da comissão*. O que nos leva a esta análise se relaciona com outros usos no *corpus* de *que + gerúndio* em relação a tempo:

12. *qualquer Irmaõ que estando em Meza* fica responsalbelizado por *qualquer ....* (LTG em 16 de novembro de 1832)

ou seja, *qualquer irmão, quando estiver em Mesa, ....*

Há ainda catorze ocorrências de aparentes sentenças relativas, realizadas nas conclusões das atas:

13. a. *Eu que esta subscrevi* (MSR em 05 de julho de 1835)
- b. *Como Scretário que este sobre es crevi e Fica aguiado* para a 1ª. Reuniaõ dous Requerimento donosso Irmão Fiscal (MSR em 02 de agosto de 1835)
- c. *e eu Escrivão que escrivi* (LTG em 16 de setembro de 1832)

---

<sup>8</sup> Mary Kato (c.p.) sugere que o exemplo em (11) pode ser analisado como um caso de relativa apositiva, que apresenta, como uma de suas características, a permissão de uma leitura adverbial.

Todas podem ser analisadas como casos de construções clivadas, sem a realização do verbo copulativo, como é comum no PB (cf. *eu que fiz a ata; eu é que fiz a ata*).

Por fim, há cinco outras construções que não foram computadas, mas que merecem alguma referência:

14. a. tratemos dos Recebimentos dos Mencais *ejuntamente* das Asi - natura do termos *que* tinha ficado adiado *para* esta Reuniaõ; *Cujas Continua* por faltar ainda Asignatura de Algúns Irmoins (JFO em 05 de junho de 1836).
- b. prestou-se por meio de escortino adiliberação aque Esta[r]emos adita Mezá *para* adecizaõ do nossó Irmaõ Manoel da Paixaõ *que* por huma Carta semandou Sedespedir quando aMezá onaõ quizesse estar pella Sua opiniaõ, *Cujo, aucto praticamos por Escortino* (JFO em 27 de novembro de 1842)
- c. Em vertude desta fiança do Coffre na Caza do *Senhor Reverendo Padre Vigário* Joaquim Jozé deSanta Anna, *por* nos todos Irmãos congratulados *para* ficar por estes dias té nova delibera çãõ da Meza Adminis tradora da Ca<i>xa Coffre, *que ficou nadita Caza* e na responsabilidade do mesmo *Illustríssimo* e *Reverendo Senhor Padre* (LTG em 16 de setembro de 1832)

Analisamos as formas de *cujo* e de *que* dessas construções como um uso demonstrativo: *estas, este, isto*, respectivamente<sup>9</sup>.

## 2. SENTENÇAS RELATIVAS E RESTRIÇÕES UNIVERSAIS

K&C (1977; 1979a/b), com base nos resultados de análise de um número amplo de línguas (em torno de 50), de diferentes famílias lingüísticas, concluem que as quatro estratégias mais comuns de relativização, de maior uso nas línguas estudadas, são: (a) a estratégia da *lacuna*; (b) a do *pronomes lembrete*; (c) a estratégia do *pronomes relativo*; (d) e a estratégia do *complementador* (cf. exemplos apresentados em (1) acima).

---

<sup>9</sup> No PE, as relativas com *cujo* estão restritas à escrita e à fala formais (cf. ARIM *et alii*, 2004). Cf. Jesus (2002), que aponta para a quase ausência de *cujo* na escrita formal do século XIX, no Brasil.

Os autores também observam que não há variação aleatória em relação à função sintática do elemento relativizado na SRel. A hierarquia proposta segue a seguinte cadeia (K&C, 1977, p. 66):

15. Hierarquia da Acessibilidade (Accessibility Hierarchy; doravante HA)

SU > OD > OI > OBL > GEN > Objeto de Comparação<sup>10</sup>

A HA de funções relativizadas em (15) reflete o fato de que algumas posições são mais acessíveis à relativização do que outras, ou seja, posições à esquerda da HA são mais fáceis de relativizar do que as posições à direita. A generalização derivada da HA é que, se uma língua pode construir SRel de uma dada posição da HA, então pode também construir relativas de todas as outras posições a sua esquerda. Assim, se uma língua pode relativizar objetos, também pode relativizar sujeito; qualquer língua que possa relativizar genitivos também pode relativizar oblíquos e as demais funções à esquerda.

Com base na HA, também definem restrições universais para a formação de SRel. Das predições feitas por K&C (1977, 1979b), as seguintes são relevantes para este trabalho:

16. a. Nenhuma língua pode construir relativas somente de objetos ou somente de locativos, mas é possível uma língua construir relativas somente de sujeito (este é o *Subject Relative Universal*<sup>11</sup> (K&C, 1979b, p. 652).
- b. Uma língua deve ter uma estratégia primária (*primary strategy*) de formar SRel; *grosso modo*, qualquer uma das estratégias referidas acima pode ser a estratégia primária<sup>12</sup>.
- c. A estratégia primária pode deixar de ser realizada em qualquer ponto da HA; assim, estratégias que se aplicam a um ponto da HA podem não se aplicar a qualquer

---

<sup>10</sup> K&C (1977, p. 74) apresentam o seguinte exemplo de relativa de objeto de comparação: *The man who Mary is taller than*. Para Kato (1981, p. 2), a relativa de objeto de comparação é possível em PB com a estratégia do pronome lembrete: *?O homem que meu pai tem mais força que ele*.

<sup>11</sup> Assim, todas as línguas podem relativizar sujeito, caso a língua permita relativização, pois uma língua pode não ter desenvolvido qualquer estratégia de relativização.

<sup>12</sup> As estratégias estudadas por K&C (1977) consideram, sobretudo, a posição da relativa em relação ao núcleo nominal que modifica (pré-nominal, pós-nominal ou interna), se a forma do PR é morfologicamente marcada para caso, se há retomada pronominal (obrigatória ou opcional) na relativa, dentre outras questões.

posição à direita. Conseqüentemente, se a estratégia primária, em uma dada língua, pode ser aplicada a uma posição baixa, então pode também ser aplicada a todas as posições mais altas da HA.

As subseções a seguir analisam as estratégias de relativização nas atas (subseção 2.1) e a hierarquia das funções relativizadas (subseção 2.2), tendo como ponto central de discussão as restrições universais de K&C. Portanto, tem-se como objetivo principal estabelecer comparações entre as possibilidades presentes em línguas humanas, apontadas acima, e os usos atestados no *corpus* em estudo.

## 2.1. ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO

Qual é a estratégia primária de construção de sentença relativa no PB e no PE? Um dos critérios usados por K&C (1977), para identificar a estratégia primária, é o de observar se o elemento nominal na sentença relativa permite expressar, claramente, qual posição sintática está sendo relativizada. No caso de relativas de sujeito e de objeto, como em<sup>13</sup>

17. a. A moça que João ama.
- b. A moça que ama João.

não há qualquer alteração na morfologia do morfema **que** da relativa que indique sua função sintática. Segundo Brito (1991), no PE, o morfema *que* das relativas de funções não preposicionadas (sujeito e objeto) é um complementador<sup>14</sup>. Proposta semelhante já tinha sido defendida por Tarallo (1993), para o PB<sup>15</sup>. Esta seria, portanto, a estratégia primária para estas duas funções.

Para as funções preposicionadas, duas estratégias são possíveis: a) o uso de relativas cortadoras indica que a estratégia do complementador também pode ser

---

<sup>13</sup> Exemplos traduzidos dos apresentados em K&C (1977, p. 64).

<sup>14</sup> Cf. Kato 1993, para uma análise do relativizador *que* como PR.

<sup>15</sup> Cf. também Ribeiro (no prelo), que analisa dados do português rural afro-descendente e conclui que a estratégia do complementador é usada para todas as funções das relativas com cabeça; os PR se realizam nas relativas livres, um tipo de estrutura em que o complementador está excluído.

aplicada para estas funções. Consideramos, assim, que a estratégia primária pode ser aplicada a todas as posições da HA (cf. (16c)); b) o uso das relativas  *pied piping*  (atestados, sobretudo, na escrita formal, raramente na fala) é evidência da estratégia com o PR. Assim, dois tipos de morfemas estariam disponíveis para as relativas com lacuna: o complementador  *que*  ou um PR.

Resta saber quais estratégias são evidenciadas no  *corpus*  em estudo.

### 2.1.1 RELATIVA *PIED PIPING* X CORTADORA NAS ATAS

Já comentamos acima que a relativa  *pied piping*  é um tipo de relativa com lacuna, específica das posições preposicionadas. Como já observado na introdução, no PB, a relativa  *pied piping*  se opõe em relação à cortadora (exemplos em (18a-b)):

18. a. A moça  *com quem*  conversei ontem ( *pied piping* )
- b. A moça  *que*  eu conversei ontem (cortadora)

Quer dizer, como ilustrado na Tabela 1, adaptada do estudo de Tarallo (1993), diacronicamente, à proporção que a estratégia  *pied piping*  decresce, aumenta o uso da estratégia cortadora. Como os informantes das atas se situam entre os dois últimos períodos da pesquisa de Tarallo, a expectativa inicial deste estudo, por se tratar de informantes com pequeno nível de letramento, era a de que haveria pouco uso da relativa  *pied piping* . Como veremos a seguir, os dados não confirmaram tal predição, pois, exceto em uma ocorrência, as preposições requeridas se realizam, como nos seguintes exemplos:

19. a. Conforme mandou o socios Adimins tradores  *que*  sefizesse estes Termo  *em que asig namoz*  (MSR em 07 de janeiro de 1835).
- b. Para estar  *aonde existe o Coffre do Senhor dos Mar-tirios*  sahio com honzepretas, e vinte huma branca (LTG em 16 de setembro de 1832).
- c.  *para aonde for aprovado*  (LTG em 16 de setembro de 1832)
- d. finalizaraõ o seos trabalho  *para o que famos nomi- ados,*  (GMB em 29 de dezembro de 1834)

- e. e Continuouse os trabalhos *de que de liberou para primeira Reunião* se dis cutir hu Esclarecimento emViada pello 1º. Fiscal ejuntamente o Capítulo 4º the o Artigo 22 (MSR em 05 de julho de 1835).
- f. Comparecerem em h hum extraordinario para o Comprimento dos desvalido *em que esta mos em Caregado* (JFO em 13 de novembro de 1836)
- g. adiliberação *aque Esta[r]emos adita Mezá* (JFO em 27 de novembro de 1842)
- h. Emprestar adita *quantia* ao Thezoureiro *de que faltar sobre a Finta dos 500 reis* (MSR em 13 de setembro de 1835)
- i. Ficando aespera da conta da 4ª. Loteria *que ficou responsavel o ex The zoureiro Manoel daConceição* (LTG em 04 de outubro de 1835)

Os dezessete casos de relativas preposicionadas se distribuem como abaixo especificado:

- (a) quatro são realizadas com *em que* locativos, como ilustrado em (19a), talvez resultantes de fórmula fixa de conclusão de ata;
- (b) cinco se realizam com a forma (*a*)*onde*, conforme exemplos em (19b/c). O exemplo em (19c) acima indica que a variação entre *onde* e *aonde* deve ser vista como uma questão de variação no nível lexical, e não como um caso de oscilação de uso da preposição *a*, já que *aonde* está antecedido da preposição *para*;
- (c) na única relativa livre de função preposicionada não-locativa (cf. seção a seguir), a preposição está realizada (19d);
- (d) três casos foram analisados como estratégias de relativizar genitivos, estando um deles em (19e);
- (e) dos três casos codificados como CN com realização da preposição, observamos o uso da forma preposicionada *em que* (19f) e *a que* (19g), embora no primeiro caso a preposição usual no PB contemporâneo seja *de* (*encarregado de algo*). O outro caso, em (19h), poderia levar a uma leitura de relativa com foco no sujeito = *a quantia que faltar*; não optamos por essa análise devido ao fato de o contexto levar a entender *faltar* como *necessitar* agenteivo = *emprestar a quantia de que o tesoureiro necessita para completar os 500 reis*<sup>16</sup>;
- (f) há um caso de CN sem preposição (19i), construção para a qual a norma prescritiva recomenda a realização de *pela qual* ou *por que*; portanto, é uma relativa cortadora.

---

<sup>16</sup> Nesta leitura, a construção poderia ser um exemplo de relativa com foco no OBL: *emprestar a quantia de que o tesoureiro necessita para completar os 500 réis*.

Na seção a seguir, discutimos algumas questões relacionadas com aquisição de relativa  *pied piping* , com o objetivo de mostrar ser essa uma estratégia de difícil aquisição, que se revela mais consistente na escrita do que na fala. Teceremos, então, algumas considerações sobre aquisição e os dados dos informantes acima descritos.

### 2.1.2 AQUISIÇÃO DE RELATIVA *PIED PIPING*

Guasti & Cardinaletti (2003) observam, nos três grupos de crianças adquirindo francês e italiano como L1, a ausência de relativas  *pied piping*  até os 10 anos de idade. Segundo as autoras, a estratégia vernacular de relativas, a com pronome lembrete, é a mais usada na fala coloquial dos adultos (com ou sem escolarização)<sup>17</sup>; portanto, é a estratégia selecionada inicialmente pelas crianças. Os resultados dessa pesquisa, no que importa à estratégia de relativização de funções preposicionadas, estão listados a seguir:

- a. nas relativas de OI, o pronome relativo ( *à qui, a cui* ) só é usado, embora raramente, por crianças mais velhas; tais relativas são mais freqüentemente introduzidas pelo complementador ( *que, che* ) ou, no caso do francês, pelo pronome relativo  *où* , além de geralmente incluírem um pronome lembrete (86% nos dados do italiano e 31% no caso do francês)<sup>18</sup>;
- b. nas relativas de locativo, há variação entre os pronomes  *où, dove*  e os complementadores  *que, che* , com maior uso dos primeiros (94% e 60.2%, respectivamente). Mesmo com a realização dos pronomes  *où, dove* , um pronome lembrete é realizado após as preposições  *dessous, dentro* , em 34% e 56% dos casos, respectivamente. Em alguns casos, a preposição usada não é adequada;
- c. são bem poucas as ocorrências de relativas de genitivo, sendo em geral introduzidas pelo complementador, também com uso da estratégia lembrete, ou transformadas em relativas de sujeito. Em francês, o pronome  *où*  aparece neste tipo de relativa, seguido do possessivo ( *le garçon où son chariot roule* ) (o menino cujo carrinho rola);

---

<sup>17</sup> Berruto (1980) estuda o italiano falado em Emília e encontra a estratégia lembrete distribuída como: (a) 30% de OD; b) 79% de OI e de GEN; c) 53% de locativas ( *apud*  GUASTI & CARDINALETTI, 2003).

<sup>18</sup> As variações percentuais se devem às diferenças nas idades das crianças dos dois grupos.



- d. relativas não-locativas introduzidas por *où* representam 18% dos dados do francês; em 50% delas, há um pronome lembrete<sup>19</sup>.

Concluem as autoras que a estratégia  *pied piping*  está mais restrita à fala formal e à escrita, caracterizando-se como um artefato prescritivo, que emerge como resultado de ensino explícito, durante a escolarização.

Quanto à aquisição de relativas do PB como L1, os resultados alcançados por Perroni (2001) apontam que os elementos-QU exercem a função das duas posições mais altas na HA, sujeito e objeto; essas posições não preposicionadas representam quase 100% do total das ocorrências. Afirma ainda que, no processo de aquisição, “as relativas ‘difíceis’ são obviamente aquelas de sintagma preposicionado” (p.15).

As questões sobre aquisição são pertinentes para concluirmos que: (i) se entendemos  *difíceis*  como  *tardias*  no processo de aquisição, a afirmação de Perroni (2001) aponta para o fato de que os falantes representados nas atas já se encontravam num estágio mais adiantado de aquisição das relativas, já que usam estratégias de relativização nas posições mais baixas da hierarquia, como mostrado na Tabela 3 deste trabalho, embora sejam poucos os dados totais atestados; (ii) nenhum dos fatos apontados acima é típico dos informantes em estudo, permitindo dizer que a sintaxe das relativas é diferente das estratégias observadas em outras situações lingüísticas. Quer dizer, os estudos de aquisição de L1, relatados acima, mostram que a estratégia  *pied piping*  surge com a escolarização, que há oscilação na escolha da preposição antes desse período, que funções não preposicionadas podem ser realizadas com preposições etc. Como não consideramos que os fatos relatados sobre as relativas preposicionadas devam ser reflexos de os informantes estarem em estágio inicial de aquisição da gramática<sup>20</sup> do português, passamos ao segundo ponto, mais fundamental para a análise.

Estudos sobre aquisição de sentenças relativas em L2 mostram que (cf. GASS, 1983; GRASS & ARD, 1984; ROMAINE, 1988):

---

<sup>19</sup> Este uso não é observado nos dados do italiano.

<sup>20</sup> O que exclui questões de escrita.

- i. todos os informantes realizam relativas lembretes das funções mais baixas da hierarquia, independentemente da L1 de cada um;
- ii. em momentos de oscilação, quando os aprendizes se desviam da estrutura pretendida, é sempre em relação a uma função de uma posição mais baixa que passa a uma função mais acessível na hierarquia, um tipo de promoção (K&C, 1977);

Tudo isto indica que a aquisição de estruturas relativas passa por estágios muito semelhantes, quer em aquisição de L1, quer em L2. É evidente que os africanos aprenderam português como L2. Contudo, não podemos esperar diferenças substanciais no resultado dessa aprendizagem, no que diz respeito ao objeto sintático em estudo, pois o processo de aquisição de relativa de L2 passa, *grosso modo*, pelos mesmos estágios de aquisição de L1.

Como terceiro ponto de discussão, retomamos a questão da mudança lingüística do PB em relação ao PE<sup>21</sup>, retratada na Tabela 1, que aponta para uma perda da estratégia *pied piping* no PB, atestada por Tarallo em documentos dos séculos XVIII e XIX. Contudo, a distribuição da estratégia de relativização com preposição nos textos dos africanos não fornece evidências positivas para esta mudança em curso.

Embora tradicionalmente se considere que as relativas cortadoras apontam para mudanças na gramática do PB, estudos atuais da variação no PE mostram que, também lá, as relativas cortadoras estão presentes no registro culto e vernacular. Alexandre (2000) e Arim *et alii* (2004), em *corpora* do PE<sup>22</sup>, apresentam os seguintes exemplos de relativa, dentre outros<sup>23</sup>:

- 20. a. Isso é um atributo **que** as pessoas, prontos, gostam. (*Dinheiro Vivo*, RTP2) (ARIM *et alii*, exemplo (9))
- b. As massas associativas têm que efectivamente valorizarem aquilo **que** gostam. [Os *Donos da Bola*, SIC] (ARIM *et alii*, exemplo (10))

<sup>21</sup> Cf. Ribeiro (1998, 2001) para uma discussão sobre características sintáticas do PB culto e vernacular e mudanças sintáticas em relação ao PE.

<sup>22</sup> Arim *et alii* (2004) trabalham com dados de textos veiculados nos meios de comunicação social de Portugal. Alexandre (2000), com dados do “*Corpus* de Referência do Português Contemporâneo - oral” (CRPC), com dados recolhidos a partir de programas televisivos (de notícias ou de debates) e de conversas informais com os mais variados interlocutores.

<sup>23</sup> Destaques em negrito foram por nós acrescentados.

- c. Ideias é aquilo **que** toda a gente fala. [*Jogo Falado*, RTP2] (ARIM *et alii*, exemplo (11))
  - d. Não fixei o nome da pessoa **que** tu falaste. [*Conversas Secretas*, SIC] (ARIM *et alii*, exemplo (12))
  - e. A linha de crédito **que** precisariam seria de cento e cinquenta mil milhões de dólares. [*Noticiário*, RDP] (ARIM *et alii*, exemplo (14))
  - f. São passos no sentido daquilo **que** se chama mais união política. [*Noticiário*, RDP] (ARIM *et alii*, exemplo (16))
  - g. ... saber informações mas tive pouca sorte porque um dos moços **que** eu escrevi, a carta não lhe chegou à mão. (ALEXANDRE, 2000, Anexo II, 1. (11))
  - h. Custou-me ouvir da boca do Octávio um insulto **que** eu não contava. (ALEXANDRE, 2000, Anexo II, 2. (4))
  - i. Desculpem interromper, mas nós temos aqui uma pessoa **que** já tentámos falar hoje à tarde. (ALEXANDRE, 2000, Anexo II, 2. (5))
  - j. ... mas por exemplo há uma revista **que** eu agora não tou certo do nome, que estudou o, os tabacos em si ... (ALEXANDRE, 2000, Anexo II, 1. (224))
  - k. A rapariga **de que** eu gosto faz-me rir. (ARIM *et alii*, exemplo (17))
21. a. O aumento de queixas, na polícia, nomeadamente na polícia judiciária que é a realidade **de que** eu conheço melhor prende-se também um pouco com isso. [Programa *Maria Elisa*, RTP1] (ARIM *et alii*; exemplo (42))
- b. Eu gostaria de colocar uma pergunta ao doutor Gilberto Madaíl, **de quem** admiro muito, que era... [*Livre e Directo*, RDP] (ARIM *et alii*; exemplo (43))
- c. É um investimento **em que** nós estamos muito satisfeitos por ter feito. [*Dinheiro Vivo*, RTP2] (ARIM *et alii*; exemplo (44))
- d. Pedofilia, um tema **de que**, como dizia o professor Rosado Fernandes na primeira parte deste programa, está na moda há alguns anos a esta parte. [Programa *Maria Elisa*, RTP1] (ARIM *et alii*; exemplo (46))

Os autores encontraram ocorrências de relativas de funções preposicionadas sem a realização da preposição, como em (20a-j). Em relação à construção em (20k), dizem que *já começam a ser sentidas como estranhas e pouco naturais por muitos falantes* (p. 5). Também há casos de preposições indevidas (exemplos em (21)), mesmo quando a relativa realiza foco no sujeito (exemplo em (21d)).

Uma vez que esses informantes são falantes nativos do PE e já ultrapassaram o estágio de aquisição, os fatos do PE podem encontrar uma explicação do ponto de

vista da mudança lingüística, significando que a gramática do PE também está deixando de licenciar relativas  *pied piping*  como estratégia vernacular<sup>24</sup>, ampliando a estratégia de uso de um complementador para as posições preposicionadas.

A época de escrita das atas (1832-1842) é posterior ao terceiro período considerado por Tarallo (1993), período em que o ambiente lingüístico oferecia dados inconsistentes em relação às relativas de funções preposicionadas, desde que 59% eram cortadoras e 35.4%,  *pied piping* . Não podendo estabelecer uma relação direta entre dados de escrita e fala, podemos, no entanto, imaginar que os dados de fala poderiam / deveriam apresentar um uso mais amplo das estratégias que hoje configuram a realidade lingüística brasileira, favorecendo a estratégia cortadora. Os dados dos informantes das atas, por outro lado, apontam para a preferência pela  *pied piping*  na escrita, indicando um conhecimento do valor formal / social de tais construções.

### 2.1.2. RELATIVA COM PRONOME LEMBRETE

Guasti & Cardinaletti (2003) afirmam que as relativas lembretes são as primeiras estratégias de relativização, para todas as posições abaixo do sujeito<sup>25</sup>, em crianças aprendendo francês e italiano como L1 (de 4.5 a 10.0 anos de idade). Concluem as autoras que o uso de pronome relativo para essas funções resulta de uma aprendizagem posterior (até mesmo de ensino explícito). Também na fala coloquial adulta, a estratégia com pronome lembrete é freqüente, quer em italiano, quer em francês. Romaine (1988) encontra 15 ocorrências de relativas com pronome lembrete em dados de crianças aprendendo inglês, sendo 12 delas em estrutura de relativa de sujeito.

No que diz respeito à fala de adultos, o estudo realizado por Suñer (1998) mostra que a relativa com pronome lembrete é uma estratégia presente em diversas línguas, se apresentando em variação com a estratégia com lacuna: o espanhol e o iídiche realizam a estratégia com pronome lembrete para todas as funções; irlandês,

---

<sup>24</sup> Ficando seu uso restrito ao discurso formal, planejado.

<sup>25</sup> Embora as relativas com lembrete de objeto sejam raras. Em francês, o objeto direto aparece introduzido por  *où* , caso em que o pronome lembrete ocorre em 62% dos casos.

hebraico e palestino só recusam a estratégia lembrete para a função de sujeito; galês é a língua mais restritiva, só aceitando o pronome lembrete para as funções de oblíquo e genitivo. A Tabela 4 a seguir ilustra essas informações:

**Tabela 4: Perspectiva trans-lingüística de relativas com pronome lembrete (adaptada de Suñer, 1998, p. 349)<sup>26</sup>**

	Espanhol	lídiche	Irlandês	Galês	Hebraico	Palestino
SU	∅ / Pron.	∅ / Pron.	∅	∅	∅	∅
OD	∅ / Pron.	∅ / Pron.	∅ / Pron.	∅	∅ / Pron.	Pron.
OBL	∅ / Pron.	Pron.	Pron.	Pron.	Pron.	Pron.
GEN	∅ / Pron.	Pron.	Pron.	Pron.	Pron.	Pron.

Nenhum caso de relativa com pronome lembrete foi atestado nas atas<sup>27</sup>. Chama a atenção a falta de lembrete por ser esta uma estratégia bastante atestada nos dados de aquisição de L1 de diferentes línguas. Já comentamos acima que, diacronicamente, esta sempre foi uma opção marginal no português<sup>28</sup>.

### 2.1.3. CONCLUSÕES PARCIAIS

Os resultados observados na variação das estratégias de relativização no PE são bem relevantes para as questões colocadas neste texto, pois a discussão dos resultados do PB, *tout court*, pode levar a entendê-los como derivados de aquisição irregular do português (aquisição em situação de contato) por um número significativo de africanos e seus descendentes.

Em dialetos rurais do PE rural, segundo Varejão (2006), as três estratégias são atestadas, com a seguinte distribuição:

<sup>26</sup> ∅ = lacuna na posição sintática vinculada ao pronome relativo; Pron. = realização do pronome lembrete.

<sup>27</sup> Exceto, talvez, se considerar o pronome possessivo da relativa de genitivo que será apresentada em (32a) como um pronome lembrete.

<sup>28</sup> Cf., dentre outros, Tarallo (1993), Corrêa (1998), Perroni (2001), Bagno (2001), Burgos (2003) e Ribeiro (no prelo).

**Tabela 5: Cortadoras e copiadoras, conforme a função sintática no português europeu popular (Tabela X, de Varejão (2006, p. 137))**

	CORTADORAS	COPIADORAS
Sujeito	---	4 (14%)
Objeto direto	---	7 (25%)
Adjunto adverbial	58 (77%)	6 (21%)
Complemento relativo	14 (19%)	1 (4%)
Objeto indireto	1 (1%)	2 (8%)
Complemento nominal	2 (3%)	4 (14%)
Adjunto adnominal (genitivo)	0 (0%)	4 (14%)
TOTAL	75 (100%)	28 (100%)

Alguns exemplos são como os seguintes:

22. a. Parece que isto que é talvez o dote **com que** nasce as pessoas (Cabeço de Vide 65) (exemplo (164) de VAREJÃO, 2006)
- b. Isto é os raios **com que** eles agarram (Câmara de Lobos 26) (exemplo (166) de VAREJÃO, 2006)
- c. Tenho um bocado aqui em baixo, **que** dei onze contos **por ele** (Perafita 41) (exemplo (106) de VAREJÃO, 2006)
- d. O cambao e aquela parte **que** esta essas pecas todas ligadas **a ele** (Monsanto 8) (exemplo (109) de VAREJÃO, 2006)
- e. Tinha uma argolazinha **que** amarrava-se o cordel (Camara de Lobos/Canical 31) (exemplo (161) de VAREJÃO, 2006)

A variação observada na fala rural europeia também é atestada em outros registros de fala do PE. Com os exemplos em (20), já ilustramos casos de relativas cortadoras no PE culto. Também neste registro são atestados os usos de relativas lembrete, para diversas posições sintáticas, como os seguintes (dados de ALEXANDRE, 2000):

23. a. A opinião pública teve acesso a um conjunto de *informações*<sub>i</sub> [[<sub>SU</sub> *que*], numa situação normal, *elas*<sub>i</sub> não seriam conhecidas]. (ex., Anexo I, 2. (4))
- b. Eles são *dois jogadores*<sub>i</sub> [[<sub>OD</sub> *que*] eu *os*<sub>i</sub> vejo partir com tristeza]. (ex., Anexo I, 2.)
- c. Olha *o tipo*<sub>i</sub> [[<sub>OI</sub> *que*] eu *lhe*<sub>i</sub> emprestei o meu carro]. (ex., Anexo I, 2. (20))
- d. Isso era afinal o que havia no tempo daquele *senhor*<sub>i</sub> [[<sub>OBL</sub> *que*] dizem tanto mal *dele*<sub>i</sub>]. (ex., Anexo I, 2. (29))
- e. Sei de *um caminho*<sub>i</sub> [[<sub>OBL</sub> *que*] o pai passou *por lá*<sub>i</sub> da outra vez]. (ex., Anexo I, 2. (26))

- f. Há *técnicos muito bons*<sub>i</sub> [[<sub>GEN</sub> *que*] as pessoas não sabem o nome *deles*]<sub>i</sub>. (ex., Anexo I, 2. (44))

Contudo, esta não é a estratégia mais em uso no PE, como os resultados quantitativos apresentados na Tabela 6 mostram:

**Tabela 6: Estratégias de relativização no PE (ARIM *et alii*, 2004)**

Tipo de relativa	Casos atestados	%
Relativas canônicas	189	71%
Relativas cortadoras	74	28%
Relativas resumptivas	2	1%
Total	265	100%

Embora Arim *et alii* (2004) só registrem 2 casos de relativas lembrete, Alexandre (2000) computa, no total, 112 ocorrências, assim distribuídas: (i) 22 casos de sujeito; (ii) 27 de objeto direto; (iii) 9 de objeto indireto; (iv) 48 de oblíquos; (v) 6 de genitivos.

Em resumo, embora as estratégias cortadoras e lembrete tenham, durante muito tempo, sido consideradas um divisor de gramáticas entre o PB e o PE, os estudos acima relatados, sobre os processos de relativização no PE, têm apontado para a existência, também lá, das estratégias cortadora e lembrete, quer nos meios de comunicação social (ALEXANDRE, 2000; ARIM *et alii*, 2004)<sup>29</sup>, quer no dialeto rural (VAREJÃO, 2006)<sup>30</sup>. Isto mostra que a variação no uso das diferentes estratégias não é marcada socialmente, no sentido de que só falantes com baixa escolarização realizam as estratégias estigmatizadas pelos gramáticos normativos. Os dados dos africanos não refletem questões relacionadas à aquisição do PB em situação de contato, desde que as duas estratégias não se restringem ao PB.

<sup>29</sup> Arim *et alii* (2004) trabalham com dados de textos veiculados nos meios de comunicação social de Portugal. Alexandre (2000), com dados do “Corpus de Referência do Português Contemporâneo - oral” (CRPC), com dados recolhidos a partir de programas televisivos (de notícias ou de debates) e de conversas informais com os mais variados interlocutores.

<sup>30</sup> *Corpus Dialectal com Anotação Sintática - CORDIAL-SIN*, coordenado por Ana Maria Martins.

## 2.2. FOCO E ENCAIXAMENTO

Esta seção se centra nas questões relacionadas com: (i) a função sintática da posição relativizada (foco); (ii) o tipo de relativizador que foi empregado para a função; e (iii) a função sintática do constituinte a que se vincula a relativa (encaixamento).

### 2.2.1. FUNÇÃO SINTÁTICA DO PRONOME RELATIVO NA AMOSTRA DE FALA ANALISADA

Os números da Tabela 7, a seguir, mostram que os tipos de pronomes relativos mais usados no PB estão presentes no *corpus*:

Tabela 7: Tipos de pronome relativo X função sintática do pronome relativo<sup>31</sup>

TIPOS-QU	FUNÇÃO DO PRONOME RELATIVO						
	SU	OD	OBL	CN	LOC N	LOC F	TOTAL
QUEM	02	---	---	---	---	---	02
P+QUEM <sup>32</sup>	01	---	---	---	---	---	01
QUE	28	07	01	01	---	---	37
P+QUE	---	---	01	03	04	---	08
O QUE	06	04	01	---	---	---	11
P+O QUE	03	---	---	---	---	---	03
ONDE	---	---	---	---	---	02	02
P+ONDE	---	---	01	---	---	04	05
O QUAL	03	01	---	---	---	---	04
TOTAL	43	13	04	04	04	06	73

Os pronomes relativos exercem majoritariamente as funções de sujeito (43 casos) e de objeto (13 casos). As demais funções estão presentes, mas com pequeno número de ocorrências, talvez devido ao número de dados coletados. As 53 atas estudadas são curtas, apresentando um número de sentenças bastante reduzido. Além disso, em qualquer situação discursiva, o número de sintagmas nominais exercendo as funções de sujeito e de objeto é sempre maior do que os em outras funções (K&C, 1977).

<sup>31</sup> Não estão incluídos na tabela os números de dados das reduzidas, pois são sempre reduzidas de sujeito. As ocorrências de objeto de preposição e de genitivo estão incluídas nos OBL(íquos).

<sup>32</sup> Cf. seção 2.4, para os casos de P+QUEM / P+O QUE, codificados como sujeito em relativas livres.



Quando hierarquizamos o número total de sentenças relativas produzidas nas atas, vemos que as predições de K&C (1977, 1979) se confirmam parcialmente (cf (15)):

24. SUJEITO > OBJETO > LOCATIVO > C-NOMINAL > GEN ~ OBL

A cadeia mais relevante da HA, a nosso ver, é a de apresentar como estratégia mais usual a relativização das funções não preposicionadas (SU e OD), depois as de funções preposicionadas, e isto é o que se observa nos dados das atas. Assim, o pressuposto de que as relativas de posições mais baixas na HA são psicologicamente mais difíceis de processamento (SLOBIN, 1982, 1986) se reflete nos resultados numéricos dos nossos dados. Acreditamos que a alteração da ordem das funções preposicionadas se deva ao número total de dados coletados, não permitindo fazer afirmações consistentes que contradigam a HA.

Das 73 ocorrências apontadas na Tabela 7, 43 são de foco no sujeito. O uso predominante de relativas com foco no sujeito se correlaciona com o recurso de passivização (17 são construções passivas, sendo 11 de passivas com *se*), construção de promoção do objeto para a função de sujeito<sup>33</sup>, como nos seguintes exemplos:

25. a. participado aes Crever atodo qual quer hum *Irmão que Seacha atrazado* (JFO em 01 de novembro de 1835)
- b. Reuniaõ ejuntamente oprojecto *que seaprezentou em Meza* epor esta Com forme (JFO em 05 de junho de 1836)
- c. de *Nossa Senhora da Solidade dos devalidos onde Seacha Colocada* (JFO em 02 de outubro de 1836)
- d. pará Comprimento do Termo Antecedente *oque* estava digó *que* ficou marcadó o Artigo quarenta e Nové *ao que Sedeu Comprimento* (JFO em 13 de novembro de 1836)

---

<sup>33</sup> A estratégia de promoção de constituintes para a posição de sujeito, como é o caso da passiva, é observada em muitas outras línguas, como, por exemplo, em muitas das línguas malaio-polinésias (K&C, 1977). Um exemplo típico é a língua falada em Madagascar, que tem a ordem básica VOXS e um sistema bastante desenvolvido de promoção de qualquer constituinte para a posição de sujeito (K&C, 1977, p. 69-70). Contudo, os autores ressaltam que as promoções ocorrem mais em línguas em que o sistema de promoção é bem desenvolvido. Este é o caso do PB, como sabemos.

- e. *commonico aVossas Mercedes para vir des cutir o nosso Compromisso em algum dos Capitulo e § que seofferecer abem da nossa confraria (LTG. Não é datado, porém se situa entre 24 de março e 21 de abril de 1833)*

Observamos que os exemplos em (29) não poderiam receber uma interpretação de indeterminação de sujeito; mesmo para o exemplo em (29b), descartamos a indeterminação de sujeito pois só os membros da irmandade poderiam apresentar projetos à Mesa Diretora.

É relevante observar a distribuição entre os usos de *onde* e *em que*, o primeiro sempre indicando localização física (exemplo em 30a/b); o segundo, localização nocional (exemplo em 30c/d).

26. a. *Nossa Senhora da Solidade dos devalidos onde Seacha Colocada* (JFO em 02 de outubro de 1836)<sup>34</sup>.
- b. Para estar *aonde existe o Coffre do Senhor dos Mar-tirios* sahio com honzepretas, e vinte huma branca (LTG em 16 de setembro de 1832).
- c. Conforme mandou o socios Adimins tradores *que sefizesse estes Termo em que asig namoz* (MSR em 07 de janeiro de 1835).
- d. epara constar mandou oprovedor Lavra estes termo *em que nos acinamos* (JFO em 02 de outubro de 1836).

Todos os quatro casos de *em que* com função locativa são como os dois apresentados em (30c/d), talvez indicando um uso formular de conclusão de ata, como já comentado na seção anterior.

São apresentados a seguir exemplos das funções de SU, OD, CN e OBL do pronome relativo:

27. a. SU: *quando elle aprezen tar a Ca da hu dos Irmão folhe tos enpreço que Contenhaõ os Artigo e §§ que ofereceu em firmeza de que* (MSR em 23 de julho de 1834).

---

<sup>34</sup> A variação entre *onde* ~ *aonde* já é observada na história do português, desde o período clássico, como ilustram Cunha & Cintra (1985, p. 343-2), com os seguintes exemplos:

- (i) Vela ao entrases no porto / *Aonde* o gigante está! (Fagundes Varela, VA, 76.)  
(ii) Não perceberam ainda *onde* quero chegar. (Alves Redol, BC, 47.)

- b. OD: Visto negar o despaxo *que a Commicaõ emViov* emNome da De-uocaõ (MC em 2 de maio de 1841).
- c. CN: Comparecerem em hhum extraordinario *para* o Comprimento dos desvalido *em que estamos em Caregado* (JFO em 13 de novembro de 1836)<sup>35</sup>.
- d. OBL: Comisçaõ Reonida, finalizaraõ o seos trabalho *para o que fomos nomi-ados*, (GMB em 29 de dezembro de 1834).

Os três casos codificados como OBL, que permitem uma leitura de genitivo (f. Tabela 3), são:

- 28. a. Primeiro, qualquer Irmaõ seja quem for *que por sua cauza usurpar qualquer* alfaia da Confraria <sendo justificado> fica notado por la-draõ e extinto *para* nunca mais servir e menos ser valido pela Caixa ou interrado (LTG em 16 de novembro de 1832)
- b. epropos o Juiz que sedevia Organizar hua Loteria de mil Belhetes empresso a 32º cada hum, e *para* esse fim apareceraõ planos *aonde se aprovou oprezente* que foi impremido (LTG em 04 de agosto de 1833).
- c. Continuouse os trabalhos *de que de liberou para primeira Reuniaõ* se dis cutir hu Esclarecimento emViada pello 1º. Fiscal ejuntamente o Capítulo 4º the o Artigo 22 (MSR em 05 de julho de 1835).

O exemplo em (32a) permite a seguinte leitura: *qualquer irmão, por culpa de quem / por cuja culpa for usurpada qualquer alfaia da confraria...* O uso do possessivo no sintagma preposicional (*por sua causa*) está subjacente a esta leitura<sup>36</sup>. Lemos o exemplo em (32b) como: *... apareceram planos dos quais se aprovou o presente (plano)*, com um uso de *aonde* partitivo. Analisamos o exemplo em (32c) como um caso de esquiva na construção de relativa genitiva, entendendo a construção como: *continuou-se os trabalhos, cuja deliberação foi para na primeira reunião se discutir um esclarecimento enviado pelo primeiro fiscal e o Capítulo 4º. até o Artigo 22.*

<sup>35</sup> Todos os casos de complemento de predicados de mini-orações foram analisados como de CN.

<sup>36</sup> Outra leitura seria possível, se o nome 'causa' significar 'necessidade', sendo assim uma relativa de sujeito: *qualquer irmão que por necessidade própria usurpar qualquer alfaia da confraria...* (OLIVEIRA, c.p.)

## 2.2.2. ENCAIXAMENTO DA RELATIVA

A estratégia mais freqüente é a de SRel encaixada em constituinte nominal que exerce a função de objeto de verbo (23 dados) ou de preposição (23 dados, computando todas as posições de complemento de preposição), o que permite o encaixamento na posição mais à direita do constituinte, facilitando o seu processamento (SLOBIN, 1986); o encaixamento na função de sujeito é o menor (7 dados). Computando cada freqüência separadamente, a seguinte cadeia de encaixamento se apresenta<sup>37</sup>:

Tabela 8. Número de sentenças relativas em relação ao encaixamento<sup>38</sup>

SUJEITO	OBJETO	OBLIQUO	C-NOMINAL	LOCATIVO
07	23	12	08	03

Exemplos são apresentados em (34), destacando, em **negrito**, o constituinte nominal da sentença raiz.

29. a. SU: foi oferecido pello *Escrivam a tual da meza Manuel Victor Serra **hu progetto** oqual será inda des Coti-do* (MSR em 23 de julho de 1834).
- b. OD: folhe tos enpreço *que Contenhaõ **os Artigo e §§** que ofereceu em firmeza de que* e foi sencionado (MSR em 23 de julho de 1834)
- c. OB: a Missa he celebrada ***pelo Padre** que adisser logo as Oito horas imperte rivelmente* (LTG em 16 de novembro de 1832)
- d. CN: epozemos em execuçaõ ***os trato dos devitos** que ficou em Exzecuçaõ* (JFO em 10 de julho de 1836)
- e. LOC: ***Rozario de Santo Antônio** a onde estamos conjuntos* (LTG em 16 de setembro de 1832)

<sup>37</sup> Não estão incluídos os vinte casos de relativas livres, nem os casos de sentenças reduzidas. Em oblíquo estão computados os casos de encaixamento nas funções de GEN, de complementos verbais OBL e de OI.

<sup>38</sup> Não estão incluídos os vinte casos de relativas livres. Em oblíquo estão computados os casos de encaixamento nas funções de GEN, de OBL e de OI.

Dos sete casos de encaixamento no sujeito, seis se realizam em construções inacusativas (verbos inacusativos e passivas), como no exemplo em (34a) acima e (35) abaixo:

30. só apareceu a conta da 5ª. Loteria *que representou Oito centos e setenta e nove bilhetes*,  
(LTG em 04 de outubro de 1835)

Nos dois casos, o sujeito paciente é realizado em posição pós-verbal, o que pode ser considerado como recurso de encaixamento à direita, facilitador do processamento da construção (SLOBIN, 1982, 1986)<sup>39</sup>.

Parece haver uma tendência nas línguas humanas a realizar mais o encaixamento na posição de objeto do que na de sujeito. Os resultados de Romaine (1988) sobre aquisição de relativas por falantes de inglês em fase escolar (*Edinburgh*), como L1, mostram que as crianças realizam relativas com 71% de encaixamento no objeto, contra 29% no sujeito. Assim, as diferenças em relação às estratégias de encaixamento, observadas nos dados de escrita destes africanos, não divergem do que é observado na aquisição convencional de L1.

#### 2.4. DISTRIBUIÇÃO DOS PRONOMES RELATIVOS PELOS TIPOS DE SENTENÇA

Na Tabela 9 abaixo, apresentamos os resultados quantitativos das ocorrências dos pronomes relativos segundo o tipo de sentença relativa:

---

<sup>39</sup> Mary Kato (c.p.) chama a atenção para o fato de que, com os verbos intransitivos, o encaixamento deve ser central. Contudo, nos dados, não há casos de relativas encaixadas em verbos essencialmente intransitivos. No geral, as relativas ocorrem em estruturas de passivas (sintéticas e analíticas), de usos de verbos suporte (*dar, tomar*) e de auxiliares propriamente ditos (*ser, ficar*).

Tabela 9: Tipo de sentença relativa X tipo de pronome relativo

TIPOS - QU	TIPOS DE SENTENÇA RELATIVA			
	RESTRITIVA	NÃO-RESTRITIVA	R-LIVRE	TOTAL
QUEM	---	---	02	02
P+QUEM	---	---	01	01
QUE	26	11		37
P+QUE	08	---		08
O QUE	---	---	11	11
P+O QUE	---	---	03	03
O/A QUAL	---	04		04
ONDE	---	02		02
P+ONDE	01	01	03	05
TOTAL	35	18	20	73

Como acontece no português, brasileiro e europeu, os pronomes relativos usualmente empregados em relativas livres são os mesmos atestados na escrita das atas: *quem*, *o que*, *onde*, precedidos ou não de preposição<sup>40</sup>. Observa-se que o pronome *o que* é o mais freqüente neste tipo de relativa, como também se atesta em outras línguas (DEN DIKKEN, 2001).

31. a. por ser *quem fes areforma* asignou, (LTG em 21 de abril de 1833)
- b. Para estar *aonde existe o Coffre do Senhor dos Mar-tirios* sahio com honzepretas, e vinte huma branca (LTG em 16 de setembro de 1832)
- c. dara por bem feito *o que amesma Meza determinar para que* emtempo algum naó Re clame *que* naó foi ouvido (MSR em 15 de janeiro de 1835)

Há um caso de *P+quem*, sendo que o pronome exerce a função de sujeito:

32. Fica adi ado arematatãõ do novo Coffre *aquem preferi por menos fazer* (LTG em 04 de outubro de 1835)

A relativa permite a leitura *fica adiada a arremataçãõ do cofre a uma pessoa que prefira fazer o cofre por menor preço*, uma possibilidade presente no português. Outros casos de relativa preposicionada, marcados na Tabela 7 acima como realizando a função de sujeito, são como:

<sup>40</sup> Em relação ao português europeu, cf. Brito (1991).

33. a. Aos deis dia domes de Julho es tando o Provedor emais mezarior Reunido em meza lemos o termo em midiato *do que ficou adiado* (JFO em 10 de julho de 1836).
- b. O Prezidente da Junta de Liberou o seguinte- em Concideraçã *do que sereprezentou* Contra o- Irmaõ Ex Escrivam Luiz Teixeira Gomes o Progetto- Empreço ... (MSR em 23 de fevereiro de 1834).

Os exemplos em (39a-b) foram computados como casos de relativas livres, sendo a preposição requerida pelo termo da sentença raiz: *lemos o termo de+o+que ficou adiado; em consideração de+o+que se representou*. O antecedente do marcador de relativa é o demonstrativo neutro *o*.

As formas *o qual* e variantes flexionais só aparecem como relativas não-restritivas, o que se observa em geral no português:

34. a. foi oferecido pello Escrivam a tual da meza Manuel Victor Serra hu progetto *oqual será inda des Coti-do* (MSR em 23 de julho de 1834)
- b. para esse consentimento em combio-se o Procurador Geral Deffinidor Joze do Nascimento *o qual comprio com aformalidade exegida* (LTG em 04 de agosto de 1833)

## CONCLUSÃO

Como se pôde ver ao longo das seções, apesar do pequeno número de dados, as estratégias de relativização no *corpus* analisado não se distanciam significativamente das usadas nas línguas em geral e no português falado atualmente. Sintetizamos abaixo o que foi observado no *corpus*:

- a) Todas as posições podem ser relativizadas.
- b) A relativa com lacuna e PR é a estratégia primária; não há casos de relativa lembrete, exceto no que se refere ao exemplo de genitivo em (32a).
- c) As relativas preposicionadas predominam.
- d) Uso de relativas restritivas e não-restritivas, com formas verbais com tempo ou reduzidas.
- e) A preferência pela relativização de posições não preposicionadas, sujeito e objeto.

- f) Predominância de encaixamento em posições que permitam a ramificação da relativa à direita, favorecendo o processamento.
- g) A presença dos marcadores de sentenças relativas, antecidos ou não de preposição: *que, o que, o/a qual e quem*. Não há ocorrência do pronome *cujo* como relativo, ausência muito freqüente também no PB e no PE falado contemporâneos.
- h) As estratégias de relativização *pied-piping* e cortadora podem estar presentes ou ausentes nas línguas, independentemente do contexto sócio-histórico em que a língua é adquirida.
- i) As estratégias de aquisição de relativas são muito semelhantes, quer em relação a L1, quer em relação a L2.
- j) As estratégias realizadas nas atas e no PB não divergem das observadas no PE, exceto, talvez, em termos quantitativos.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Nélia Maria Pedro. (2000). *A estratégia resumptiva em relativas restritivas do português europeu*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- ARIM, Eva; RAMILO, Maria Celeste; FREITAS, Tiago. (2004). Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses. *ILTEC*. Disponível em: [www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-redip-relativas.pdf](http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-redip-relativas.pdf). Acesso em: Agosto de 2006.
- BAGNO, Marcos. (2001). *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola.
- BRITO, Ana Maria Barros de. (1991). *A sintaxe das orações relativas em português*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- BURGOS, Luís Eduardo S. de. (2003). *Estratégias de uso das relativas em uma comunidade de fala afro-brasileira*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- COHEN, Maria Antonieta. (1986) *Syntactic change in Portuguese: relative clauses and the position of the adjective in the Noun Phrase*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas.
- COMRIE, Bernard; KEENAN, Edward L. (1979). Noun phrase accessibility revisited. *Language*, v. 55, n. 3, p. 649-664.
- CORRÊA, Vilma Reche. (1998). *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.



CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p. 343.

den DIKKEN, Marcel. (2001). Specificational copular sentences and pseudoclefts. A case study. In: EVERAERT, Martin; van RIEMSDIJK, Henk. (Orgs.). *The syntax companion*. Oxford: Blackwell.

GASS, Susan M. (1983). Language transfer and universal grammatical relations. In: GASS, S. M.; SELINKER, L. (Orgs.). *Language transfer in language learning*. Rowley: Newbury House. p. 20-33.

GASS, Susan M.; ARD, J. (1984). Second language acquisition and the ontology of language universals. In: RUTHERFORD, W. E. (Org.). *Language universals and second language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. p. 33-67.

GUASTI, Maria Teresa; CARDINALETTI, Anna. (2003). Relative clause formation in Romance child's production. *Probus*, n. 15. p. 47-89.

JESUS, Lavinia Rodrigues de. (2002). *O relativo CUJO em documentos do século XIX*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

KATO, Mary. (1981). Orações relativas: variação universal e variação individual no português. In: SEMINÁRIOS DO GEL. 5, São Paulo. Anais... p. 1-16.

KATO, Mary. (1993). Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: Roberts, I.; KATO, Mary. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 223-262.

KATO, Mary *et alii*. (1996). Construções-Q na gramática do português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado, vol. VI: desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 303-370.

KATO, M.; Nunes, J. (2007). A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. Ms. inédito.

KEENAN, Edward L.; COMRIE, Bernard. (1977). Noun phrase accessibility and universal grammar. *Language*, v. 8, n. 1, p. 63-99.

KEENAN, Edward L.; COMRIE, Bernard. (1979). Data on the noun phrase accessibility hierarchy. *Language*, v. 55, n. 2, p. 333-351.

LEMLE, Miriam. (1978). *Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

OLIVEIRA, Klebson. (2006). *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo lingüístico*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

- PERRONI, Cecília. (2001). As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 59-79.
- RIBEIRO, Ilza. (1998). A mudança do PB é mudança em relação a que gramática? In: CASTILHO, Ataliba de. (Org.). *Para a história do português brasileiro. Vol. I: Primeiras idéias*. São Paulo: Humanitas. p. 101-119.
- RIBEIRO, Ilza. (2001). Quais as faces do português culto brasileiro? In: ALKMIM, Tânia. (Org.). *Para a história do português brasileiro. Vol. III: Novos estudos*. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP.
- RIBEIRO, Ilza. (2009). As relativas. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA (no prelo).
- ROMAINE, Suzanne. (1988). *Pidgin and creole languages*. New York: Longman.
- SANKOFF, G.; BROWN, P. (1976). The origins of syntax in discourse: the case of Tok Pisin relatives. *Language*, v. 52, p. 631-666.
- SLOBIN, Dan I. (1982). Universal and particular in the acquisition of language. In: WANNER, E.; GLEITMAN, L. R. (Orgs.). *Language acquisition: the state of the art*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 128-172.
- SLOBIN, Dan I. (1986). The acquisition and use of relative clauses in Turkic and Indo-European languages. In: SLOBIN, D. I.; ZIMMER, K. (Orgs.). *Studies in Turkish linguistics - Typological studies in Language*, v. 8. Amsterdam: John Benjamins.
- SUÑER, Margarita. (1998). Resumptive restrictive relatives: a crosslinguistic perspective. *Language*, v. 74, n. 2, p. 335-364.
- TARALLO, Fernando. (1993a). Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 35-68.
- TARALLO, Fernando. (1993b). Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 69-106.
- TARALLO, Fernando. (1983). *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. Universidade da Pensilvânia, Pensilvânia.
- VAREJÃO, Filomena. (2006). *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.